

DF-LAGO NORTE

HISTÓRIA

Símbolo de poder e ostentação na década de 90, a mansão do ex-presidente Fernando Collor está abandonada. Há três anos, ninguém da família frequenta a residência. Só o caseiro e a família vigiam o lugar

Arnildo Schulz



16 DE AGOSTO DE 1992

Guardas da Presidência da República garantiam a segurança da casa particular, que foi transformada em residência oficial e vivia cercada por fotógrafos e repórteres

Ronaldo de Oliveira



17 DE JULHO DE 2003

A casa do Lago Norte não recebe mais visitas. É guardada apenas por três cachorros. O mato toma conta das guaritas e as luzes permanecem apagadas

A decadência da Casa da Dinda

Carlos Vieira 18.7.03



OS JARDINS Suntuosos que custaram US\$ 2,5 milhões estão tomados pelo mato. Muitas das 240 árvores plantadas morreram. As que sobreviveram só recebem água quando chove

RENATO ALVES

DA EQUIPE DO CORREIO

O mato cresce nos jardins. As paredes descascadas revelam a infiltração. As fontes secaram. É difícil acreditar que aquela casa do Setor de Mansões do Lago Norte foi símbolo de poder e riqueza num passado recente. Mais conhecida como Casa da Dinda, a mansão retrata a decadência política do ex-presidente Fernando Collor de Mello, obrigado a deixar o cargo em 1992, após uma série de denúncias de corrupção.

Os interfonos e o sistema eletrônico de vigilância estão quebrados. O matagal tomou conta das três guaritas, que abrigaram guardas da Presidência da República. Os estragos na mansão, no conjunto 1 da quadra 10 do Lago Norte, ficam ainda mais evidentes onde a folhagem não encobre a antiga residência oficial. Os toldos da varanda estão rasgados. A aroeira maciça do pier apodrece com a falta de verniz. No lugar de lanchas e veleiros, descansam pássaros nativos. O guincho elétrico, usado para rebocar os barcos, não funciona.

Pelos jardins suntuosos da Casa da Dinda, que custaram US\$ 2,5 milhões, circulam três magros cachorros: um doberman, um rottweiler e um vira-lata. Além

deles, o único sinal de vida na mansão são as roupas velhas estendidas em varal improvisado. A casa em que Collor recebia os convidados ilustres com uísque Logan — um dos seus preferidos — está vazia. Um caseiro, mulher e dois filhos moram no alojamento dos empregados.

Ao contrário dos anos de mandato de Collor (1990-1992), o silêncio predomina dentro e fora da mansão. Nada de repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, seguranças, políticos, empresários e madames. Os atuais moradores da Dinda não andam em carrões importados, não recebem visitas ilustres. Dizem que estão ali só para cuidar da casa. Detestam entrevista. Os cachorros cumprem a função de afastar os (poucos) estranhos.

Como acontece hoje no Palácio da Alvorada, a Casa da Dinda era ponto turístico obrigatório em Brasília durante o governo Collor. Aos domingos, enquanto o presidente descansava, passeava em lanchas, fazia ginástica ou peripécias esportivas, centenas de pessoas se aglomeravam em frente à casa particular que virou residência oficial.

Marajás

Primeiro presidente eleito por voto direto após 25 anos de ditadura militar, Collor se recusou a morar no Palácio da Alvorada. Queria

Homenagem à avó materna

Dinda era a avó de Leda, mãe do ex-presidente Fernando Affonso Collor de Mello. Foi o pai de Fernando, Arnon, quem batizou a mansão do Lago Norte de Casa da Dinda. Mas esse não foi o primeiro nome da mansão. Antes de pertencer à família Collor de Mello, ela se chamava Casa Pirangi. O nome foi dado por Sylvio Piza Pedroza, ex-governador do Rio Grande do Norte. Ele se mudou para a nova capital do

um recanto com o seu estilo. Eleito sob o slogan de caçador de marajás, contratou o paisagista José Roberto Nehring, dono da Brasil's Garden, para erguer um jardim digno de rei no terreno de 13 mil m² da Casa da Dinda.

A Brasil's Garden — com experiência de duas décadas no ramo e trabalhos nos Estados Unidos, Canadá, França e Espanha — le-

MEMÓRIA

país para exercer o cargo de subchefe da Casa Civil nos governos Juscelino Kubtschek e João Goulart. Pirangi é uma das praias mais bonitas do Rio Grande do Norte. Um dos motivos que levou Pedroza a construir sua casa às margens do Lago Norte, é que dali ele podia ir de lancha para o late Clube de Brasília, clube do qual foi um dos fundadores. Antes de deixar Brasília e voltar para o Rio de Janeiro, em 1964, Sylvio Pedroza vendeu a mansão para o chefe do clã dos Collor de Mello, Arnon. E, de Pirangi, ela passou a se chamar Casa da Dinda.

vou três anos para levantar o jardim da Dinda. Ao redor da mansão, foram plantadas 200 árvores de grande porte e 40 frutíferas. Em meio ao bosque, construíram oito cachoeiras motorizadas, abastecidas por sistema subterrâneo de água. Um lago artificial recebia água do Lago Paranoá. Mas, antes de chegar às cem carpas japonesas, a água era filtrada

e oxigenada.

O Brasil só conheceu as belezas da Dinda pelos jornais e revistas depois que o Congresso Nacional instalou, em 1992, CPI para investigar o esquema de corrupção no governo Collor. Até então, poucos visitantes haviam contemplado os famosos jardins. Fotógrafos e cinegrafistas nem chegavam perto dos muros.

Dono de uma rádio FM, o deputado distrital Wigberto Tartuce (PP), o Vigão, era quem levava a maioria dos artistas ao encontro de Collor na mansão. "O presidente gostava de música sertaneja e abria a casa para os cantores", recorda. Foi Vigão quem apresentou ao ex-presidente os cantores goianos Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e Zezé di Camargo e Luciano.

Os políticos leais a Collor minimizam a beleza dos jardins milionários da mansão. "Nas reuniões que participei lá, somente percebi que era uma casa com os cuidados normais de um lugar habitado", diz o deputado federal Roberto Jefferson, líder do PTB na Câmara dos Deputados.

A Casa da Dinda também nunca encheu os olhos do ministro da Justiça de Collor, Jarbas Passarinho. "Para o meu padrão, a casa era bonita, espaçosa, mas suntuosidade eu nunca vi. Não sei como está hoje. Mas é triste saber

que um patrimônio de família esteja destruído."

Impeachment

Collor não resistiu aos escândalos. O seu impeachment foi o fim da Dinda. O ex-presidente deixou Brasília e voltou para Alagoas, a terra natal. Nenhum integrante da família Collor visita a Casa da Dinda há pelo menos três anos, de acordo com o caseiro e vizinhos.

Sem o abastecimento do Lago Paranoá — por causa da quebra das bombas — as fontes da Dinda secaram. O gramado, que era aparado como tapete, perdeu espaço para a terra e os cupinzeiros. As árvores só recebem água quando chove. Assim como a piscina de 100 m² e hidromassagem, que tinha aquecedor para manter a temperatura em 28° C. Em meio ao lamaçal esverdeado, onde Collor adorava dar suas brincadeiras à noite, só há sapos.

As luzes do jardim — que contava com 200 lâmpadas halógenas e 50 holofotes de 1.000 watts — não são ligadas há mais de cinco anos. A energia elétrica da mansão chegou a ser cortada por falta de pagamento há três anos. A dívida foi quitada. Mas agora, só são acesas as luzes do alojamento dos empregados.

COLABORARAM JULIANA CÉZAR NUNES E ROBERTO FONSECA